

## QUANDO O BICHO SOBE À SUPERFÍCIE

Luiza Mussnich<sup>1</sup>

---

a temperatura faz as roupas cismarem  
em desabitar os corpos  
o bicho que escondemos  
o ano todo  
o tempo todo  
mostra suas curvas, suas listras, seus desenhos  
nos faz dançar, desejar, uivar  
nessa época crescem as garras, os pelos, os impulsos

o rugido me mantém  
entre o mar e a floresta  
ouço o que têm a dizer  
as ondas quebrando na areia e os animais caçando  
um som que se confunde — sobretudo na cidade onde vivo  
não há nada maior que um oceano  
em fúria e um mamífero excitado, eu pensava

---

1 Nasceu no Rio de Janeiro, em 1991. É mestre em Literatura, Cultura e Contemporaneidade pela PUC-Rio e autora dos livros de poesia “Todo o resto é muito cedo” (Bazar do Tempo, 2024); “Tudo coisa da nossa cabeça” (7Letras, 2021) e “Lágrimas não caem no espaço” (7Letras, 2018). Tem poemas publicados em suplementos literários como o jornal Rascunho e o caderno Pensar do jornal Estado de Minas. Pesquisa interseções entre arte e literatura e escreve textos para exposições. Apresenta e produz, junto a Alexandra Maia, o podcast Poesia Livre. Colaborou para as revistas Piauí, 451 e Vogue Brasil.

até observar com calma  
o menor animal do mundo  
meu filhote engatinhando pela praia/orla  
deslumbrado com a extensão do azul  
com as formas que a natureza pode forjar  
com a porosidade da rocha  
diluída em trilhões de grãos  
olhando pra mim e balbuciando a língua mais antiga do mundo

sons que podem significar qualquer coisa  
não são traduzíveis  
minhas patas e focinho tentam me arrastar de volta para a floresta  
mas só consigo seguir aquelas pegadas mínimas  
beirando o oceano  
rastejando pelas dunas  
em direção a lugar nenhum